

# Para onde vai a revolução cubana? Dilemas do socialismo primitivo

FABIO LUIS BARBOSA DOS SANTOS\*

## **R**esumen

Este artículo examina los dilemas que enfrenta la revolución cubana en el presente, considerando el proceso de actualización del socialismo referido a los "Lineamientos de la política económica y social" aprobados en el 2011 (PCC: 2011). El texto se organiza a través de tres momentos: después de una breve referencia al contexto en el cual se desencadena el proceso de actualización, se examinan algunos lineamientos fundamentales y los impases socioeconómicos con los que estos dialogan. Este ejercicio permite trazar los marcos generales de la estrategia del Estado cubano para enfrentar los impases actuales. En la segunda sección, se mapean los principales debates del momento y las posiciones más pertinentes. Se vislumbra un dilema, en la medida en que las alternativas de mercantilización implican una radicalización democrática tanto económica como política, arraigada en una elevación de la consciencia crítica y la creatividad popular, misma que no había sido motivada en el pasado. A partir de esta perspectiva, el artículo propone un conjunto de reflexiones finales, referidas a los desafíos actuales bajo el análisis de la evolución del proceso revolucionario, en particular de la relación con los soviéticos. Mi hipótesis es que la aproximación con los soviéticos en los años 1970 condicionó las opciones políticas futuras, en la medida que la revolución de los valores, que ampliaría el campo de las alternativas, inclusive las económicas, se vio limitada por el truncamiento de la radicalización democrática y cultural.

Palabras-clave: Revolución Cubana; Socialismo; Subdesarrollo; Actualización.

## **Resumo**

Este texto examina os dilemas enfrentados pela revolução cubana no presente, tendo em vista o processo de atualização do socialismo referido aos "Lineamientos de la política económica y social" aprobados em 2011 (PCC: 2011). O texto se organiza em três movimentos: após uma breve referência ao contexto em que se desencadeia o processo de atualização, são examinados alguns lineamientos fundamentais e os impasses socioeconômicos com que eles dialogam. Este exercício permite delinear os marcos gerais da estratégia do Estado cubano para enfrentar os impasses atuais. Em uma segunda seção, são mapeados os principais debates do momento e as posições de maior relevância. Vislumbra-se um impasse, na medida em que alternativas à mercantilização

---

\* Doctor en Historia Económica y profesor de la Universidad Federal de São Paulo, en Brasil. Correo electrónico: faboroso@gmail.com

implicam uma radicalização democrática da economia e da política, enraizada em uma elevação da consciência crítica e da criatividade popular que não foi semeada sob a órbita soviética no passado. A partir desta perspectiva, o texto propõe um conjunto de reflexões finais, referindo os desafios atuais à uma análise da evolução do processo revolucionário, e em particular, da relação com os soviéticos. Minha hipótese é que a aproximação com os soviéticos nos anos 1970 condicionou as opções políticas futuras, na medida em que a revolução dos valores, que ampliaria o campo das alternativas, inclusive econômicas, se viu limitada pelo truncamento da radicalização democrática e cultural.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Socialismo; Subdesenvolvimento; Atualização.

### Abstract

This article examines the dilemmas facing the Cuban revolution in the present, considering the process of updating socialism referred to the "Guidelines of economic and social policy" adopted in 2011 (PCC: 2011). The text is organized through three moments: after a brief reference to the context in which the process of updating is triggered, it examines some fundamental guidelines and the socio-economic impasses with which they dialogue. This exercise makes it possible to outline the general frameworks of the Cuban State's strategy to deal with current impasses. In the second section, the main debates of the moment and the most relevant positions are mapped. There is a dilemma, insofar as the alternatives of commodification imply a democratic radicalization both economic and political, rooted in an increase of critical consciousness and popular creativity, which had not been motivated in the past. From this perspective, the article proposes a set of final reflections, referring to the current challenges under the analysis of the evolution of the revolutionary process, in particular the relationship with the Soviets. My hypothesis is that the approach to the Soviets in the 1970s conditioned future political choices, to the extent that the values revolution, which would expand the range of alternatives, including economic ones, was limited by the truncation of democratic and cultural radicalization.

Keywords: Cuban Revolution; Socialism; Underdevelopment; Upgrade.

### Introdução

Ainda que a presidente da Federação de Estudantes Universitários afirme que "Cuba não está fazendo reformas, mas atualizando seu modelo econômico" (Martí-

nez: 2016), ecoando à visão estatal, muitos entendem que o país está, "(...) ainda que talvez não nos goste a palavra, diante de uma reforma" (Cobo: 2013, p. 70). O núcleo dos dilemas atuais está referido às limitações para universalizar direitos sociais em uma economia subdesenvolvida, agravadas por pressões modernizadoras na direção de um padrão de consumo associado à sociedade digital. Em uma palavra, remetem às possibilidades contraditórias de realização, em um entorno hostil, de um "socialismo primitivo" (Martínez Heredia: 2003).

A raiz das mudanças em curso esta referida aos problemas econômicos que eclodiram no chamado "período especial", quando o PIB do país caiu 35% entre 1989 e 1993, diante do colapso da União Soviética. A reação à crise implicou uma abertura controlada à iniciativa privada e ao investimento estrangeiro, além da tentativa de disciplinar disparidades internas que não se conseguiu evitar. Nos anos subsequentes houve uma recuperação, e entre 1995 e 2005 o país cresceu em média 4,5% ao ano, enquanto o turismo crescia 18%. Em 2006, ao constatar que o PIB havia voltado ao patamar de 1989, o Ministério da Economia declarou que Cuba havia superado o "período especial" (López Segrera: 2010, p. 31).

Apesar da recuperação conjuntural da economia e do alento propiciado por relações favoráveis com a Venezuela, a dimensão estrutural dos problemas se acentuou, em um contexto de dominação neoliberal e crise do capitalismo mundial. Já entre 2008 e 2010 o crescimento do PIB recuou para, em média 2,5%, enquanto se agravou o déficit fiscal. A impossibilidade do Estado cubano sustentar o padrão de vida pretérito dos trabalhadores é revelada pela análise dos gastos básicos de famílias que dependem do salário ou de aposentadoria. Em 2011, os gastos com alimentação consumiam entre 59% e 74% da renda familiar cubana, já que a cesta básica a que todo trabalhador tem direito (*libreta de abastecimiento*) não satisfazia o consumo calórico mínimo de um adulto, embora sim de crianças até 7 anos. Neste mesmo ano, calculou-se que o déficit de ingressos para satisfazer as necessidades elementares de reprodução da vida oscilou entre 185 CUP (família com dois trabalhadores e um aposentado) a 747 CUP (família com um trabalhador) (García Álvarez; Anaya Cruz: 2014). Estes dados revelam que toda família cubana cujo rendimento provém do Estado, se vê impelida a buscar fontes de renda complementares.

José Luis Rodríguez, economista que pilotou a economia da ilha através do período especial, sintetizou os desafios atuais em três pontos: reduzir o déficit do balanço de pagamentos; aumentar a produtividade do trabalho; ampliar e melhorar a infraestrutura (Rodríguez: 2016). Em princípio, estes objetivos envolvem cortar gastos do Estado; romper com o igualitarismo das remunerações; atrair financiamen-

to e investimento estrangeiro. Sinalizam portanto, para medidas contrárias aos valores da igualdade e da soberania, recordando o espectro do receituário neoliberal.

Porém, a afinidade com o ideário neoliberal é no máximo formal, já que em Cuba os gastos sociais em proporção ao PIB nunca foram reduzidos; a propriedade e o emprego estatal continuam dominantes; e a relação com o capital internacional é disciplinada. Além disso, ao contrário da opacidade que caracteriza a política do ajuste fiscal mundial, decisões desta natureza são submetidas a ampla consulta popular (Martínez: 2001). Foi este o caso dos "Lineamientos de la política económica y social" que orientam a política cubana desde 2011, submetidos a debate em diversas instâncias, entre mais de 163 mil reuniões que envolveram 8 milhões de participantes na base, até a sua lapidação durante o IV Congresso do Partido Comunista Cubano, que resultou na modificação de 197 dos 291 lineamientos originais, ampliados para 311 (IV Congreso: 2011).

Este texto examinará os dilemas atuais da revolução cubana no presente, tendo em vista o processo de atualização do socialismo referido aos Lineamientos" aprovados em 2011 (PCC: 2011). O texto se organiza em três movimentos: inicialmente são examinados alguns *lineamientos* fundamentais e os impasses socioeconômicos com que eles dialogam. Este exercício permite delinear os marcos gerais da estratégia do Estado cubano para enfrentar os impasses atuais. Em uma segunda seção, são mapeados os principais debates do momento e as posições de maior relevância. Vislumbra-se um impasse, na medida em que alternativas à mercantilização implicam uma radicalização democrática da economia e da política, enraizada em uma elevação da consciência crítica e da criatividade popular que não foi semeada sob a órbita soviética no passado. A partir desta perspectiva, o texto propõe um conjunto de reflexões finais, referindo os desafios atuais à uma análise da evolução do processo revolucionário, e em particular, da relação com os soviéticos. Minha hipótese é que a aproximação com os soviéticos nos anos 1970 condicionou as opções políticas futuras, na medida em que a revolução dos valores, que ampliaria o campo das alternativas, inclusive econômicas, se viu limitada pelo truncamento da radicalização democrática e cultural.

### **I. A estratégia cubana nos *lineamientos* e os impasses da realidade**

Em linhas gerais, o ensejo de aumentar o dinamismo e a eficiência da economia cubana é identificado com o imperativo de ampliar o papel do mercado e da iniciativa privada, em oposição à economia estatal. A expectativa é que o Estado cumpra o papel de regulamentar o mercado, embora nem sempre seja claro o que isso signifi-

ca, disciplinando a iniciativa privada e o investimento estrangeiro com a finalidade de preservar as conquistas sociais da revolução e a soberania nacional.

Em consonância com esta leitura, os *lineamientos* começam reafirmando o compromisso com o planejamento econômico, mas que deve " (...) tomar em conta o mercado..." (PCC: 2011)<sup>1</sup>. Neste diapasão, impulsiona-se a descentralização da economia, o apoio à pequena iniciativa privada e ao investimento estrangeiro.

Os *lineamientos* se baseiam na leitura de que é necessário diminuir o emprego estatal e conceder maior eficiência às empresas públicas. Nesta perspectiva, está em curso um processo de reorganização do Estado e de suas empresas, que prevê o remanejamento de 1,2 milhões de trabalhadores, em que alguns são realocados dentro do setor público, enquanto outros migram para o *cuentalpropismo*, mas muitos se aposentam no caminho. Existe a intenção de transferir ao menos 20% da força de trabalho para o setor não estatal. Na outra ponta deste processo, se estendeu a possibilidade de trabalho por conta própria para 178 atividades (Díaz Vázquez: 2011, p. 130). Contudo, é comum que empregados estatais também realizem algum trabalho por conta própria, além dos aposentados (Piñeyro: 2016).

Há setores da sociedade cubana que apostam no fortalecimento de um cooperativismo genuíno, referido à autogestão e com elevada autonomia em relação ao Estado, como alternativa à via *cuentalpropista*. Piñeyro observa que os *lineamientos* estimulam, pela primeira vez, a formação de cooperativas fora do setor agrícola. Porém, na prática a sua constituição é mais burocrática e demorada do que um negócio próprio, pois exige aprovação do Conselho de Estado. Entre 2013 e 2014 oficializaram-se 498 cooperativas, mas até o final de 2016, a criação de novas unidades estava paralisada (Piñeyro: 2016).

Por outro lado, o *lineamiento* 17 prevê que empresas estatais ou cooperativas não solventes podem ser fechadas ou privatizadas, enquanto o *lineamiento* 219 prevê a venda ou arrendamento de equipamentos industriais do Estado a particulares (PCC: 2011). Entretanto, há disposições contrárias à concentração da propriedade dos meios de produção (*lineamiento* 3), o que não impede manobras para burlá-las, como *cuentalpropistas* que mantem negócios em nome de familiares.

<sup>1</sup> "El sistema de planificación socialista continuará siendo la vía principal para la dirección de la economía nacional, y debe transformarse en sus aspectos metodológicos, organizativos y de control. La planificación tendrá en cuenta el mercado, influyendo sobre el mismo y considerando sus características" (PCC: 2011).

O princípio comunista "de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades", dá lugar, nos *lineamientos*, à uma retribuição salarial referida à produtividade<sup>2</sup>. Nesta perspectiva, o *lineamiento* 171 rompe com o incremento simultâneo dos salários em todos os níveis, priorizando as atividades "(...) que aportam benefícios de particular impacto econômico e social." (PCC: 2011). Assim, enquanto cientistas do ramo de biotecnologia tiveram aumento salarial, e estudantes recebem bonificações em moeda forte quando descarregam com rapidez, o salário dos professores permanece sem reajuste, acentuando a evasão da carreira. Em 2016 não houve candidatos inscritos para a carreira do magistério (Fernández: 2016).

No plano social, os *lineamientos* preveem a abolição gradual da libreta e de outros subsídios universais, propondo que este tipo de assistência seja focalizado naqueles que mais necessitam<sup>3</sup>. É neste sentido que se compreende afirmações contrárias ao igualitarismo em Cuba: "Acostumados durante tanto tempo à aplicação de fórmulas igualitaristas, tão perniciosas para o sistema econômico e político, e para a psicologia e ideologia das pessoas, também resultará bem complexo convencer de que o igualitarismo não é sinônimo de igualdade nem de justiça social e que é necessário acabar com este fenômeno..." (Duharte: 2011, p. 75). Também se está modificando a previdência, apontando para maiores contribuições dos trabalhadores no setor estatal e não estatal (PCC: 2011, *lineamiento* 165).

A liberação da compra e venda de casas e automóveis é reconhecida (*lineamientos* 297 e 286) enquanto se anuncia a abertura de linhas de crédito para aquisição de bens de consumo duráveis e matérias de construção (Hernández Pedraza: 2016). Em um país onde somente a empresa estrangeira e o setor privado recolhiam impostos, novos tributos são previstos, em consonância com a ampliação do *cuentalpropismo* e das transações mercantis.

No campo, enfatiza-se a continuidade da entrega de terras estatais ociosas em usufruto, processo desenca-

deado com a emissão do decreto-lei 259 em 2008 (*Lineamientos* 187, 189, 198). Em 2006, identificou-se cerca de 60% das terras nacionais em situação improdutivo, das quais 40% tinham sido distribuídas em 2016. Valdés Paz considera que está em curso no país uma quarta reforma agrária. Diferentemente do período especial, quando se estimulou a formação de cooperativas a partir das propriedades estatais, há uma tentativa de "recampanizar" os campos cubanos, difundindo a produção camponesa (Valdés Paz: 2016). O objetivo principal é aumentar a produção de alimentos, para diminuir as importações.

Porém, em um país urbanizado, em que a maioria dos cubanos na zona rural integra o serviço público, poucos querem retornar ao trabalho duro do campo. Dilema similar vive a construção civil, setor em expansão mas que enfrenta escassez de mão-de-obra. A revolução se confrontou com uma situação análoga em seus anos iniciais, quando a necessidade de exportar esbarrou no ódio dos cubanos ao açúcar, associado à super-exploração do trabalho, e ao qual ninguém queria se dedicar no país emancipado. Na atualidade, o Estado acena com altas taxas de lucro, além da possibilidade de construir casa e benfeitorias. Cogita-se que a reforma constitucional anunciada pode substituir a figura do usufruto, pela propriedade (Valdés Paz: 2016).

Por fim, os *lineamientos* relacionados ao capital estrangeiro reafirmam, simultaneamente, a necessidade de atrair e disciplinar os investimentos (*Lineamientos* 96 a 107). Esta é uma equação delicada, na medida em que só interessa ao capital internacional a disciplina favorável aos negócios. Sob este prisma, o principal atrativo de Cuba é uma força de trabalho altamente qualificada e barata. Embora nesta conjuntura haja cubanos que preferem receber divisas de um capitalista do que ordens de um burocrata - o "explorado feliz" -, a intenção prevalente é conciliar investimento estrangeiro e desenvolvimento nacional.

Porém, é significativa a parcimônia com que cubanos críticos se expressam em relação ao regime chinês, um importante parceiro político e econômico, em relação ao qual é difícil encontrar críticas. Ao contrário, há frequentes análises elogiosas. Por exemplo, em um balanço dos cinquenta anos da revolução cubana, Alzugary Treto enumera aspectos "(...) do processo de reformas implantado na China que tem vigência para Cuba", que incluem a ênfase nos resultados, citando a famosa frase de Deng, "(...) tanto faz se o gato é branco ou negro, importa que cace ratos..."; o "(...)reconhecimento e utilização das relações monetário-mercantis mediante a fórmula de 'economia de mercado socialista...'; e a criação de uma nutrida classe média (Alzugary

2 "170. Asegurar que los salarios garanticen que cada cual reciba según su trabajo, que éste genere productos y servicios con calidad e incremento de la producción y la productividad, y que los ingresos salariales tengan un reflejo efectivo en la satisfacción de las necesidades básicas de los trabajadores y su familia" (PCC, 2011).

3 "173. Eliminar las gratuidades indebidas y los subsidios excesivos, bajo el principio de compensar a las personas necesitadas y no subsidiar productos, de manera general. 174. Implementar la eliminación ordenada y gradual de la libreta de abastecimiento, como forma de distribución normada, igualitaria y a precios subsidiados" (PCC: 2011).

Treto: 2009, p. 43). O próprio Fidel Castro em discurso a autoridades chinesas em 2004, manifestou que a "China se converteu objetivamente na esperança mais promissora e no melhor exemplo para todos os países do Terceiro Mundo." (Castro: 2004).

Entendo que, no momento, há uma espécie de queda de braço entre o governo cubano e o capital estrangeiro, em que se pretende o mínimo de concessões para atrair o nível de investimento almejado. Em 2014 foi promulgada uma nova lei de investimento estrangeiro, permitindo a atuação das empresas "totalmente estrangeiras". Entre outros incentivos ao capital internacional, se estipula a isenção de impostos sobre o lucro durante os primeiros oito anos de investimento; sobre os lucros reinvestidos; sobre os ingressos pessoais de sócios estrangeiros; sobre o emprego da força de trabalho (além da contribuição previdenciária de 14%); isenção do imposto alfandegário no período do investimento, entre outras disposições. Neste mesmo ano, circulou pela primeira vez uma Carteira de Oportunidades de Investimento Estrangeiro, apresentando 246 projetos em busca de investidor na ilha, muitos deles na Zona Especial de Desenvolvimento (ZED) associada ao porto de Mariel. Desde então, se registraram 15 novos acordos na ZED Mariel e 54 fora dela, movimentando um total de USD 1.300 milhões, cifra ainda aquém das expectativas governamentais (López R.; Herrera Carlés: 2015; Malmierca, 2016).

O dilema é ilustrado por uma anedota que circula no país: o governo cubano oferece uma carteira de investimentos possíveis ao capitalista estrangeiro em Mariel, e explica cada um deles. Seu interlocutor escuta, fecha a pasta e diz: "o que eu quero saber é quanto vale Mariel" (Valdés Paz: 2016).

No conjunto, os *lineamientos* expressam a leitura resumida pela economista Gladys Hernández, de que Cuba necessita potenciar uma economia mista, já que o Estado não pode garantir o pleno emprego, e a sociedade não admite desemprego elevado. Entende que a preservação dos serviços públicos universais serve como um importante "colchão social", que ameniza o choque da crescente desigualdade (Hernández Pedraza: 2016). Valdés Paz também ecoa a muitos, quando diz que Cuba permanece uma economia planificada, em que o Estado controla setores econômicos (finanças, indústria, hotéis) e sociais (saúde, educação, ciência) estratégicos. Na antítese do livre-mercado, afirma que "Em Cuba, ninguém está só, nem há nada solto" (Valdés Paz: 2016).

Diferente de quem entende que as experiências socialistas "subestimaram as leis de mercado" (Alzugaray Treto: 2009, p. 46), o ex-ministro Rodríguez está entre os que

admitem uma contradição essencial entre socialismo e mercado. Mas diante da inelutabilidade da mudança, se refere a um esforço de "dosificação" das medidas, visando soltar as tensões sociais sem perder o controle sobre o tempo do processo. Sem pressa mas sem pausa, como diz Raul Castro (Castro: 2011). Resume sua leitura sobre o sentido do que está proposto dizendo que Cuba é uma economia planificada que contempla o mercado, enquanto China e Vietnã são economias de mercado com modulação socialista, porque tem aspirações redistributivas. E por fim, reafirma a vontade política prevalente de não permitir que se opere uma restauração capitalista na ilha (Rodríguez: 2016).

## II. Debates e dilemas

Cuba atravessa, no momento, o maior debate público vivido em 57 anos de revolução. Quem cultua a ideologia totalitária de um país estático em meio a uma sociedade silenciada e apática, não tem ideia do que se passa na ilha. Rafael Hernández, intelectual à frente da Revista Temas e dos debates de "ultimo jueves", que estão entre os espaços críticos de maior vitalidade no país, enumerou as principais pautas em discussão (Hernández: 2016):

- 1) o problema da desigualdade, que quadruplicou em 25 anos, em paralelo ao tema do crescimento: seria a desigualdade um custo a pagar pelo crescimento?
- 2) supercentralização versus controle: como descentralizar sem perder o controle, ou como gerar novas formas de controle? O debate cubano não é pautado pela ideologia do Estado mínimo, pois prevalece a percepção de que o Estado tem um papel social fundamental, e a sua extinção é impossível enquanto houver potências capitalistas. O problema original que se colocou para a revolução - "(...) como diabos vou fazer um Estado muito forte, mas que não me coma?" (Martínez Heredia: 2016), se reatualiza.
- 3) o espaço do setor não estatal, tanto privado como cooperativo. Há diferentes visões sobre como dinamizar e democratizar a economia.
- 4) modificar o que Raul Castro descreve como "velha mentalidade", associada aos vícios políticos e culturais herdados da influência soviética, como o dogmatismo e o burocratismo. Há um paradoxo, na medida em que os responsáveis pela reforma, perderão poder.
- 5) o papel da lei: o descompasso entre as mudanças em curso e a lei vigente, que demora a modificar-se. Hernández menciona a necessidade de reformar a lei de municípios, a lei eleitoral, a lei de associações, a lei de culto, a legislação trabalhista, entre outras. Por exemplo: há um novo código de trabalho geral, mas que não contempla o setor *cuentalpropista*, pois são reconhecidos como trabalhadores por conta própria, e não como

empresas. Portanto, muitos dos que trabalham, na prática, para pequenos e médios empresários, não tem regulamentados o horário de trabalho, o salário mínimo, as férias, a proteção à gravidez, entre outros (Fernández: 2016).

Há duas questões centrais que atravessam estes debates, e se relacionam: a reforma econômica e a democratização da política. Há consenso entre os cubanos sobre a necessidade de ambas, mas há diferentes formas de interpretá-las.

Camila Piñeiro descreve três correntes no debate econômico: 1) a visão estatista, defendendo mudanças mínimas, geralmente associada à setores da burocracia estatal; 2) uma visão economicista, que favorece a propriedade e a iniciativa privada, frequentemente emulando a referência chinesa; 3) aqueles que defendem uma democratização das relações produtivas referida a interesses coletivos e não individuais, associada principalmente ao cooperativismo (Piñeiro: 2016). Além destes, constata-se uma minoria simpática à liberalização *tout court* (Fernández: 2016), assim como há vozes no pólo oposto, acusando no processo em curso uma renúncia aos ideais da revolução (Katz: 2014). Porém, o que prevalece é a defesa de caminhos discrepantes, mas igualmente convictos de realizarem o ideário revolucionário nas condições atuais.

Nem sempre este denominador comum se traduz em convergência de ideias ou maior clareza no debate. Frequentemente, valores socialistas aparecem imiscuídos em um vocabulário referido à racionalidade capitalista. O termo "capital humano", de uso corrente na Cuba atual, é representativo deste fenômeno, que diz muito sobre o que está em curso (Salazar Fernández: 2012). Fidel Castro se referiu ao termo nas seguintes palavras: "Capital humano implica não só conhecimentos, mas também - e essencialmente - consciência, ética, solidariedade, sentimentos verdadeiramente humanos, espírito de sacrifício, heroísmo, e a capacidade de fazer muito com muito pouco (...)" (Castro: 2005a). Outro exemplo é trabalhar a imagem de Cuba como uma "marca-país" no mercado turístico internacional (Ricardo Luis: 2014).

Em um debate recente sobre a atualização do socialismo em Cuba, delinear-se as balizas da discussão. Há quem defenda a importância de "(...) conformar uma cultura empresarial competitiva, na qual o empresário se perceba na sua condição de criador da riqueza, comprometido com os clientes aos quais destina a sua produção, seus serviços e adquira verdadeiro sentido sua responsabilidade social." (Cobas: 2013, p. 71). Por outro lado, há quem critique os *lineamientos*, dizendo que ali "O que se está propondo é uma maior autonomia empresarial, leia-se gerencial; no documento não se menciona o tema da

participação dos trabalhadores e da população". E emenda: "(...)necesitamos poder do povo e não só propriedade de todo o povo..." (Alonso: 2013, p. 72)

Enquanto uns sugerem que "O desenvolvimento radica no desenvolvimento empresarial..." (Nova: 2013, p. 75), outros perguntam: "(...) se não estamos prontos para autogestionarnos, quando estaremos?", defendendo o fortalecimento de uma "cultura de iguais" (Piñeiro: 2016).

A complexa relação entre meios e fins em uma sociedade que se propõe a superar o capitalismo, tem nas relações de produção um tema central. E também neste campo, valores socialistas arriscam embeber-se de uma racionalidade mercantil. Em uma análise sobre as relações de trabalho na política de atualização, Martin Romero considera que Cuba, ao "(...) não abandonar esquemas de gestão verticalista, salarialista e centralizadora, renunciou à vantagem comparativa (do socialismo) de contar com o envolvimento e o compromisso dos trabalhadores." (Martin Romero: 2015). Não seria um paradoxo superar o trabalho alienado como meio de obter vantagem comparativa no mundo contemporâneo?

No fundo deste debate, se defrontam duas vias: o recurso a meios capitalistas, que se pretende subordinar a fins socialistas, versus a orientação dos ventos da mudança rumo a uma democratização em todas as dimensões, que incluem as relações de produção. Este dilema exige ponderar as possibilidades reais de mudança nas relações hierárquicas de produção, o que implica questionar até que ponto a revolução cubana construiu o sujeito de uma sociedade emancipada. Quando Piñeyro pergunta "(...) se não agora, quando estaremos prontos para a autogestão?", é preciso recordar que, nos anos iniciais da revolução, certamente não estavam: a maioria absoluta dos trabalhadores rurais optou por servir a uma fazenda estatal em lugar de constituir uma cooperativa. O legado da escravidão e da monocultura açucareira não favorece a autogestão. Portanto, uma cultura nesta direção precisaria ser forjada.

É neste ponto onde os desafios econômicos e políticos da revolução se encontram. Pois a despeito do alto nível de escolaridade e da notável cultura política do cidadão comum, que impressiona a qualquer visitante à ilha, há uma avaliação generalizada de que prevalecem limites para a formação de um sujeito emancipado.

O educador Ariel Dacal recorda que a educação cubana alcançou níveis de excelência atestados rotineiramente pela UNESCO, mas sempre nos moldes do que Paulo Freire chamou como "educação bancária". Na sua visão, é uma sociedade altamente informada, mas que tem

restritas capacidades de produzir política a partir desta informação (Dacal: 2016).

Este é um problema para aqueles que consideram imprescindível contrarrestar a crescente pressão mercantil, com o engajamento crítico em defesa dos valores revolucionários. Desta perspectiva, há uma preocupação com a despolitização surpreendente para o observador estrangeiro, acostumado a níveis de alienação desconhecidos em Cuba. Em particular, discute-se a situação da juventude, o que está vinculado a uma apreciação crítica sobre o sistema educacional e a participação política.

Em um debate sobre estes assuntos, observou-se que: "Nossa educação está planejada, organizada, projetada de maneira despolitizada porque quando se politiza se faz como ritual, dogma, ou memorização de circunstâncias." (Fernández Estrada: 2013, p. 75). Desdobrando esta perspectiva crítica para a política, o jornalista Luis Sexto afirmou: "Se continuamos insistindo em que a consigna e a fraseologia é o melhor modo de unir, de fazer política, seguiremos nos equivocando (...)" (Sexto: 2013, p. 76). Neste diapasão Julio César Guanche, um dos expoentes da crítica ao governo pela esquerda, relacionou a despolitização a um esvaziamento da legitimidade do governo: "Em Cuba a despolitização expressa a crise da política oficial; ou seja, a desconexão, a desvinculação, a ruptura com a política oficial que existe em curso. Quando se despolitiza é porque alguém foi despossuído da política." (Guanche: 2013, p. 78). Um assistente ao debate ofereceu uma visão distinta: "Nossa sociedade está completamente politizada. O fato de pensar de maneira diferente (...) a isso não chamo de despolitização, mas estar politizados em uma direção diferente." (Garcés: 2013, p. 78).

A questão da politização está vinculada à participação política e à questão dos valores. A partir deste ângulo, Hernández indaga se "Pode haver uma mudança de mentalidade e de valores sem que mudem os modos de participação, os acessos ao poder, as hierarquias estabelecidas?" (Hernández: 2013, p. 78). De fato, constata-se pressões de origem diversa dentro do campo revolucionário por mudanças nesta direção.

Estas questões são particularmente sensíveis em relação à juventude, cujo compromisso revolucionário é motivo de ceticismo no exterior. Embora prospere um ideário individualista, sintetizado no lema "*solo hay una vida*" - e essa vida é a sua, não a de alguém ao seu redor (Limia: 2017) -, também há aqueles que reivindicam maior participação nos rumos do país desde uma posição engajada.

Em um debate sobre a relação dos jovens com a revolução, um participante afirmou: "Os jovens cubanos

não estamos curtidos na participação e no exercício do poder. Tampouco temos clareza do que queremos e das formas de consegui-lo." (Rojas: 2008, p. 159). O rechaço à participação tutelada foi resumido por outra jovem na seguinte sentença: "Os jovens não queremos que nos deixem brincar de fazer a Revolução: queremos fazer a revolução." (Ortega González: 2008, p. 154).

Mais além do papel da juventude, o cientista político Julio Fernández observa que, em Cuba, o povo se acostumou à participação popular amparada pelo Estado. Evidentemente, isso se dá nos marcos da origem singular do Estado cubano, da sua renovada legitimidade como defensor dos valores revolucionários, e da exigência de unidade contra a agressividade dos Estados Unidos, que nunca foi retórica. Neste contexto, chama a atenção a sua observação de que o povo tem escassa relação com a luta política e precisa adquirir experiência neste campo (Fernández Estrada: 2016). Esta reivindicação supõe uma relação modificada com o Estado. Será que a renovação da política cubana que se almeja corresponderá a um aguçamento das contradições características de uma sociedade de classes?

Vislumbra-se um desenrijecimento do Estado, em que o dogmatismo e o controle associados à influência soviética são postos em xeque, abrindo possibilidades progressistas para as formas de fazer política e cultura em Cuba. Porém, isso se dá em um contexto de mercantilização da vida, que milita contra a nação, a igualdade e o internacionalismo como valores coletivos. Morlote recorda que no tema da cultura nunca houve bloqueio, e o *American way of life* se faz presente na TV, no rádio, nos cinemas e nos turistas (Morlote: 2016). O delicado paradoxo da radicalização democrática na unidade revolucionária, entre o fogo cruzado do imperialismo e da burocracia, foi sintetizado nestas palavras por um jovem: "O chamado à disciplina, dentro das filas revolucionárias, tem que estar compensado por uma indisciplina urgida pelas necessidades da mudança." (Pérez: 2008, p. 155).

A mercantilização das relações sociais e a penetração do capital estrangeiro incidem na dinâmica social e criam clivagens. Deve haver *cuentapropistas* que "queiram aportar ao país", como diz Piñeyro. Mas certamente, garantirão seus lucros antes, o que envolve a exploração do trabalho, ainda que neste momento, possam ser "explorados felizes". De maneira geral, os cubanos querem um projeto justo, mas como não tem claro os caminhos, "primeiro resolvem o seu" (Dacal: 2016). As tensões entre a expectativa de uma atualização progressista e a corrosão dos valores coletivos decorrentes da difusão mercantil, demarcam a disputa pelo sentido das mudanças na ilha.

É provável que as contradições em aberto na transição cubana - os "fios soltos", no dizer de Valdes Paz - afluam e se encaminhem em uma reforma constitucional anunciada pelo governo, que pode ocorrer ainda em 2017. Não há clareza sobre como se dará o processo, nem sobre o conteúdo e o alcance da reforma. Mas é certa a sua premência, já que muitas das "atualizações" em curso são, na prática, anticonstitucionais. Cogita-se que será necessário, afinal, produzir uma nova constituição (Fernández Estrada: 2016).

A nova etapa será selada com a aposentadoria de Raul Castro, quem anunciou que não se reelegerá à presidência do Conselho de Estado quando seu mandato expirar em fevereiro de 2018. O primeiro vice-presidente Miguel Díaz-Canel, que nasceu depois do triunfo revolucionário (no ano seguinte), é o mais cotado para o posto.

### III. Reflexões finais

Os dilemas do presente mergulham a ilha em um intenso "processo de introspecção" (García: 2013, p. 80), que enseja reflexões sobre a totalidade do processo revolucionário. Em particular, chama à atenção a coincidência entre a reivindicação da necessidade de aliança com a União Soviética no passado, e o reconhecimento praticamente unânime da necessidade de se ampliar o papel do mercado na atualidade, ao mesmo tempo em que se advoga ao Estado um papel regulador. Entendo que, mais do que uma coincidência, há uma correspondência entre as opções feitas no passado e as possibilidades do presente. Ao truncar o potencial anti-capitalista inerente a uma revolução dos valores, escolhas feitas no contexto da aproximação com os soviéticos constrangeram a radicalização democrática e cultural da revolução cubana, limitando o campo das alternativas futuras.

Não tenho qualquer pretensão de argumentar contra a política de aproximação com a União Soviética ou questionar os *lineamientos* atuais. Em ambos casos, estou convencido de que se tratam de políticas conduzidas por uma liderança comprometida com o povo cubano e munida de uma vivência incomparável, que a dota de argumentos políticos e morais de inquestionável solidez. Porém, em um momento em que o malogro da "onda progressista" obriga a repensar os meios e os fins da mudança social na América Latina do século XXI, tendo em vista recolocar a revolução na pauta política, considero relevante algumas reflexões, colocadas a partir de um ponto de vista comprometido com o ideário comunista.

1. A aproximação com a União Soviética teve duas consequências importantes e relacionadas. No plano econômico, a inserção produtiva especializada nos mar-

cos de uma relação comparativamente favorável com os soviéticos, que foi tratada como um dado permanente da realidade, elidiu o enfrentamento de dimensões estruturais do legado colonial. Sua principal expressão é a incompatibilidade entre uma base produtiva relativamente estreita, e a universalização do padrão de consumo associado às sociedades industriais.

Apesar do importante crescimento registrado no período, o intercâmbio com os soviéticos frustrou qualquer expectativa de acumulação em uma direção industrial, que não estava entre as intenções do parceiro na Guerra Fria. Cuba não superou a condição de país exportador-primário e dependente, e as fragilidades inerentes a uma economia subdesenvolvida voltaram à superfície quando a potência ruiu. É inegável que o bloqueio agrava o fardo da pobreza, mas não é a sua causa, nem a sua suspensão será, um dia, a sua solução.

Uma revolução na periferia do capitalismo que confronte a ilusão desenvolvimentista, assumindo os limites materiais que o subdesenvolvimento impõe como uma condição permanente, ao menos em um contexto de isolamento, precisa compensar a sua debilidade econômica com o poder político. Aliás, é o que as burguesias dependentes fazem, embora com a finalidade contrária: perpetuar o subdesenvolvimento (Fernandes: 1975).

A legitimidade de toda revolução emana da capacidade de defender os interesses do povo. Inicialmente no processo cubano, estes interesses se identificaram com a formação da nação. Porém, a superação do neocolonialismo desencadeou uma dinâmica que empurrou o processo na direção do comunismo, que supõe a igualdade substantiva. Ao romper com os parâmetros da sociedade burguesa, a revolução comprometeu-se a radicalizar nesta direção. A distribuição igualitária da riqueza é uma dimensão fundamental deste ideário, mas não é a única: o fim das hierarquias no trabalho, a participação política, a igualdade de gênero e raça, também o integram.

A igualdade substantiva é necessariamente um ideário coletivo, premissa para a realização da individualidade. Isso é a liberdade no ideário comunista. Em oposição ao comunismo, a ideologia do capitalismo supõe que o ser humano se realiza individualmente. Presidida pela concorrência e não pela cooperação, a realização liberal está associada ao mérito, que por sua vez, remete à capacidade de acumulação. Em uma ideologia que naturaliza o mercado, a realização individual é mediada pelo consumo, ilusão que só pode prosperar em meio a seres humanos frustrados.

O comunismo oferece uma via radicalmente oposta, porque o humano se realiza por meio do que faz, e o que



se faz, condiciona o que se é. Assim, o indivíduo só é livre quando o fazer é emancipado da coerção. Isso não significa a abolição do trabalho no sentido de produção material da existência, mas a superação do trabalho vazio de sentido para quem o faz. Como o trabalho, assim como a política, se realizam no âmbito social e não no privado, pode-se dizer que o ser comunista se realiza na esfera social.

A pesada mão da influência soviética inibiu a realização revolucionária nesta direção. O burocratismo na economia militou contra o trabalho livre, o dogmatismo na política contra o poder popular, e o realismo cultural contra a originalidade criadora. Ainda que se admita a aproximação com os soviéticos como uma necessidade, a justificação destes traços em função do imperativo da unidade é discutível. Considerando-se a escassa ingerência da superpotência em assuntos internos da ilha, o mais provável é que a opção traduzisse uma crença genuína nos méritos do padrão soviético. Vale ressaltar que esta foi uma incorporação seletiva: Cuba tem sido uma revolução pacífica e nunca viveu as convulsões e expurgos do primeiro Estado operário e camponês da história, a União Soviética, nem do seu rival chinês.

A convergência entre burocratismo, dogmatismo e realismo socialista constrangeu a renovação política em termos geracionais, mas principalmente, afetou as próprias possibilidades de revolução dentro da revolução, ou para usar um termo herético, de revolução permanente: inibiu a "indisciplina urgida pelas necessidades da mudança".

2. Ao gravitar para o campo soviético e adotar práticas políticas e culturais a ele associado, a revolução cubana aprofundou a aposta em um caminho referido ao desenvolvimento das forças produtivas. Para fazer uma analogia, apostou em se destacar nos Jogos Olímpicos e teve sucesso neste caminho: durante seguidas edições, amealhou mais medalhas que a América Latina somada. Mas com isso, reforçou a lógica do esporte competitivo de alto rendimento, alinhada segundo critérios nacionais - a despeito de preservar o caráter amador da prática esportiva, também em revisão na atualidade.

O "seguidismo" soviético envolveu a opção por um determinado padrão civilizatório, referido à noção de desenvolvimento. Esta opção teve como decorrência, necessária ou não, políticas antitéticas à autogestão econômica, à formação crítica e à liberdade criativa. No conjunto, foram fatores conservadores que limitaram a realização do ideal humanístico da revolução: o "homem natural" de Martí, ou o "homem novo" de Che Guevara.

É possível cogitar que os avanços materiais dos anos 1970 ampliaram a margem de manobra futura. Rodrí-

guez considera que a revolução não resistiria ao impacto do período especial sem a prosperidade dos anos anteriores. Porém, este é um raciocínio problemático, como toda contra-factualidade na história: é possível argumentar que, sem a inserção na órbita soviética, o impacto do seu colapso seria outro. Ou na realidade, sequer haveria período especial. É impossível especular sobre o que teria sido Cuba sem seu atrelamento à órbita soviética, que só se consumou passada uma década do triunfo revolucionário.

O certo é que essa via também condicionou as opções políticas futuras, na medida em que a revolução dos valores, que ampliaria o campo das alternativas, inclusive econômicas, se viu limitada pelo truncamento da radicalização democrática e cultural. É provável que o próprio campo de alternativas teóricas e políticas considerado pela liderança revolucionária - a "máxima consciência possível" na expressão de Lucáks - tenha se estreitado. Há nexos objetivos e subjetivos entre a necessidade de aproximação com os soviéticos no passado e a necessidade de abertura mercantil no presente.

Finalmente, o raciocínio da necessária aproximação com os soviéticos implica reconhecer a impossibilidade do socialismo na periferia, sem amparo internacional. Sob esta perspectiva, os limites da revolução cubana estão inscritos nas contradições da experiência soviética. Este enfoque se justifica no plano da realização material do comunismo, que supõe a revolução mundial. Mas do ponto de vista político, a própria trajetória cubana desafia esta leitura, passado um quarto de século do colapso soviético.

A alternativa às limitações econômicas é radicalizar o lastro político, o que enseja um padrão civilizatório alternativo ao capitalismo, mas também ao comunismo. Isso porque o socialismo primitivo enfrenta a desigualdade em condições onde a igualdade na abundância é impossível. Esta disjuntiva se evidencia no presente: diante dos entraves para sustentar-se materialmente; do isolamento político mundial; da avassaladora indústria do entretenimento, da sedução consumista e das modernidades do mundo digital; restaria ao socialismo primitivo fundar-se em valores radicalmente diversos, para além da igualdade e da soberania. Sua salvaguarda seria a unidade popular em torno de um projeto de nação assentado na igualdade substantiva, permitindo a fruição de um conjunto de valores alternativos à sedução do consumo: a igualdade, a participação e a liberdade. Rechaçar esta possibilidade histórica equivale a resignar-se a uma modalidade de "socialismo dependente", subestimando a radicalidade humanista implícita ao marxismo, onde a realização da existência transcende em muito as motivações econômicas.

3. O processo cubano teve limites para superar a alienação do trabalho e da política, e como decorrência, para gerar uma cultura emancipadora. É certo que tudo depende da régua com que se mede: Cuba é uma sociedade incomparavelmente mais democrática, autoconsciente e culta do que qualquer Estado burguês.

É também incomparavelmente mais humana: os cubanos tem escassa vivência sobre o que seja a violência policial; a briga de torcidas; o telemarketing te ligando; uma gravação eletrônica te atendendo; decorar senhas; porta giratória; catraca; a publicidade nas ruas, televisão, jornais, revistas, cinemas; o marketing eleitoral; o parlamento como um balcão de negócios; o cartório; o crime organizado; a segurança privada; a chacina; presídios superlotados; o ensino como negócio; a saúde como negócio; a previdência como negócio; a cultura como negócio; cinema caro; ballet caro; livro caro; transporte público caro; remédio caro; vestibular; *fast-food*; despejo; criança que trabalha; criança fora da escola; mãe que não tem onde deixar criança para trabalhar; casar é fácil e grátis, divorciar também; analfabetismo; *big brother*; radar no trânsito; trânsito; *shopping center*; loteria; bingo; culto (embora creça o neopentecostalismo); pornografia; fome; desemprego; abandono na infância; abandono na velhice. Em suma, o cubano tem pouca familiaridade com a experiência do desamparo.

É evidente que há muitos problemas e dificuldades: ônibus insuficientes e lotados, baixos salários, trabalhos muito aquém das capacidades, filas, pouca variedade de produtos, escassez eventual, cortes de energia, casas caindo, processos morosos, funcionários arbitrários ou descomprometidos, imprensa chata, internet precária... Uma lista que seria alongada por qualquer cubano.

Alguns destes problemas são iguais em outras partes. Outros são diferentes, mas não necessariamente piores. Os cubanos se queixam da burocracia do Estado, mas não tem ideia do que é ser atendido por uma voz eletrônica, baixar um formulário na internet, pagar uma taxa, voltar outro dia e não ser atendido. Em Cuba, as pessoas ainda falam com pessoas.

Subsistem o racismo e o machismo. Mas muitos negros são médicos, dirigentes e professores, enquanto as mulheres são maioria nas universidades e em setores como saúde pública, ciência e cultura. Também se fala da ineficiência do Estado. Mas é um Estado que alimenta, veste, educa, cuida, defende e dá cultura para toda a sua população. A ineficiência depende do ponto de vista.

Medida na régua do capitalismo contemporâneo, Cuba é uma espécie de reserva ecológica de valores humanos que o mundo se empenha em desnaturalizar: "para nós, você

não é um estrangeiro, é um ser humano", ouviu colega brasileiro, inseguro se receberia atendimento médico na ilha. "Os médicos cubanos são os melhores do mundo, porque são os mais carinhosos", emendou um pai.

Porém, o desafio de sustentar o "socialismo primitivo" em um século XXI muito primitivo e pouco socialista, exigiria uma radicalização democrática da economia e da política, enraizada em uma elevação da consciência crítica e da criatividade da sua população, o que não foi semeado sob a órbita soviética. Quando a direção revolucionária iniciou a autocrítica em meados dos anos 1980, temeu-se que os desafios colocados pelo período especial em meio ao colapso do socialismo real, tornariam a radicalização democrática uma empresa arriscada. Naquele contexto, a coesão nacional sobreviveu como um valor porque o povo entendeu o que acontecia, e incorporou a adversidade como sua.

A situação atual é ambígua, porque a mudança também sopra por ventos mercantis. Expressão desta ambivalência na relação com o Estado, os cubanos querem mudar, mas preservando as conquistas; apostam no mercado, mas regulamentado; atraem capital internacional, mas defendem a soberania.

Há um componente de conformismo, mas também há consciência crítica nesta ambivalência. O cubano que emigra dificilmente carrega a ilusão do *American dream*, e preza a segurança social que deixa para trás. Raramente deixa o país por motivação ideológica, mas porque acha que pode, e merece mais. Como disse um cubano, o jovem emigra como quem sai de casa porque não aguenta mais os pais, e quer seguir o seu caminho. Mas não porque deixou de amá-los.

Enfim, a ambiguidade existe porque a vida não é somente difícil, mas às vezes carece de sentido. Se o consumo preenche os vazios existenciais no capitalismo, o antídoto socialista é prover vias de realização existencial, esvaziando de sentido o consumismo.

Em Cuba, avançou-se muito nesta direção: forjou-se uma cultura em que ninguém se orgulhava de bens materiais, mas sim porque exerceu a solidariedade em Angola. É uma revolução em que se perdeu o respeito pela riqueza, pela propriedade privada e pelo imperialismo. Talvez não sejam os revolucionários "movidos por um profundo sentimento de amor" idealizados pelo Che, mas todos tem dentes saudáveis: ao menos já tem a dentadura do homem novo, como disse Martínez Heredia.

Na atualidade, o dinheiro recuperou poder, embora ainda não a sua legitimidade. Ressurgem famílias que

gastam o que não tem em uma festa de quinze anos, ou em um casamento ostentação. Observa-se comportamentos voltados ao olhar do outro, característicos de uma sociedade narcisista: são posturas conservadoras, discrepantes da ética revolucionária em que se forjou a emancipação cubana, mas não necessariamente contrarrevolucionárias. Mais grave é a percepção de que, pouco a pouco, se naturalizam coisas do capitalismo, como aceitar como normal que um compre algo que outro não possa. Neste contexto, Martínez Heredia considera que em Cuba, os revolucionários não estão perdendo a batalha, mas tampouco a estão ganhando (Martínez Heredia: 2016).

4. Na Cuba atual, o Estado perdeu o monopólio das perguntas e das respostas sobre o futuro do país. A ordem social em que o Estado tem o compromisso de resolver os problemas dos seus cidadãos, em uma trajetória que aponta para o comunismo, entrou em crise. O sentido das mudanças iniciadas no período especial já não tem caráter provisório nem reversível, e a utopia comunista, rarefece. Vive-se um momento de transição, em que o paradigma anterior perde lastro na realidade, mas ainda não se consolidou uma alternativa com capacidade mobilizadora comparável (Dacal: 2016). Como disse o jovem citado, "não temos clareza do que queremos e das formas de consegui-lo".

O sentido da mudança na ilha está em disputa e imagina-se o país de muitas maneiras. Obama compartilhou a sua com os cubanos em visita ao país: "Nos Estados Unidos temos um monumento claro do que podem construir os cubanos: se chama Miami." (Apud Limia: 2017, p. 83).

Dentro da ilha, existe alto consenso em torno a um projeto de nação que preserve a universalidade das conquistas sociais e a soberania. As reações espontâneas à morte de Fidel deram este testemunho: quem falou em juventude indiferente ao falecimento do comandante expressou um desejo e uma mentira. Os cubanos homenagearam em massa o líder do processo que consumou a nação, a despeito de discrepâncias que todo cubano tem. Foi um reconhecimento a quem defendeu o povo no passado, mas também um tributo ao presente e uma mensagem ao futuro: as manifestações tiveram um importante efeito demonstrativo junto aos Estados Unidos e ao mundo (Garcés: 2016).

Como disse a presidente da FEU, o problema não é os que estão contra a revolução, mas os rumos que a revolução tomará: em que medida será possível preservar o valor da igualdade frente às mudanças em curso, e como fazê-lo. O futuro que respiram os cubanos já não é a utopia de uma sociedade sem Estado, sem classe e sem propriedade privada, mas é uma combinação entre di-

reitos universais gratuitos e de qualidade, com relações mercantis disciplinadas por um Estado soberano.

Diante deste cenário, dois dilemas se colocam para a revolução que "assaltou a oligarquia, mas também os dogmas revolucionários": até que ponto a mercantilização das relações sociais será compatível com a preservação do ideário revolucionário, ainda que em sua versão minimalista? O Estado será capaz de disciplinar o capital em defesa da nação na periferia mundial, em pleno século XXI?

Na obra moral regeneradora da revolução cubana, o otimismo da vontade enfrenta o pessimismo da razão.

#### Referências bibliográficas

ALONSO, Aurelio et al (2013). Debate: 'Actualizando el modelo: economía política y cultura'. La Habana: *Temas*. N. 73: 70-80, enero - marzo de 2013.

ALZUGARAY TRETO, Carlos (2009). 'Cuba cincuenta años después: continuidad y cambio político'. La Habana: *Temas*. N. 60: 37-47, octubre - diciembre de 2009.

CASTRO, Fidel (2004). Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la ceremonia de condecoración con la Orden "José Martí", a Hu Jintao, Secretario General del Partido Comunista de China y Presidente de la República Popular China, en el Palacio de la Revolución, el 23 de noviembre de 2004. Disponível em: <<http://www.granma.cu/granmad/secciones/visitas/china/art04.html>>. Acesso em 14/01/2017.

\_\_\_\_\_ (2005a). Discurso pronunciado na primeira graduação da Escola Latinoamericana de Medicina (ELAM) em 20 de agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2005/esp/f200805e.html>>. Acesso em 18/01/2017.

\_\_\_\_\_ (2005b). Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto por el aniversario 60 de su ingreso a la universidad, efectuado en el Aula Magna de la Universidad de La Habana, el 17 de noviembre de 2005. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2005/esp/f171105e.html>>. Acesso em 12/01/2017.

CASTRO, Raul (2011). Discurso del General de Ejército Raúl Castro Ruz, Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el VIII Período Ordinario de Sesiones de la Asamblea Nacional del Poder Popular, el 23 de di-

- ciembre del 2011. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/opinion/2011/12/23/discurso-de-raul-castro-en-el-parlamento-de-cuba/#.WHio-VMrLIU>>. Acesso em 8/01/2017.
- COBO; Narciso et al (2013). Debate: 'Actualizando el modelo: economía política y cultura'. La Habana: *Temas*. N. 73: 70-80, enero - marzo de 2013.
- DÍAZ VÁZQUEZ, Julio A. (2011). 'Un balance crítico sobre la economía cubana. Notas sobre dirección y gestión'. La Habana: *Temas*. N. 66: 123-133, abril - junio de 2011.
- DUHARTE, Emilio et al (2013). Debate: 'Actualizando el modelo: economía política y cultura'. La Habana: *Temas*. N. 73: 70-80, enero - marzo de 2013.
- FERNÁNDEZ ESTRADA, Julio Antonio et al (2013). Debate: 'Politización/ despolitización en la cultura contemporánea'. La Habana: *Temas*. N. 76: 72-82, octubre - diciembre de 2013.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto (1984). *Cuba Defendida*. La Habana: Letras Cubanas.
- GARCÉS, Carlos (2013). Debate: 'Politización/ despolitización en la cultura contemporánea'. La Habana: *Temas*. N. 76: 72-82, octubre - diciembre de 2013.
- GARCÍA ÁLVAREZ, Anicia Esther; Anaya Cruz, Betsy (2014). Gastos básicos de familias cubanas pensionadas y salario-dependientes. Havana: Revista *Temas*, n. 79: 89-94, julio-septiembre de 2014.
- GARCÍA, Tania et al (2013). Debate: 'Actualizando el modelo: economía política y cultura'. La Habana: *Temas*. N. 73: 70-80, enero - marzo de 2013.
- GOTT, Richard (2004). *Cuba: una nova história*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GUANCHE, Julio Cesar et al (2013). Debate: 'Politización/ despolitización en la cultura contemporánea'. La Habana: *Temas*. N. 76: 72-82, octubre - diciembre de 2013.
- \_\_\_\_\_ (2012). 'La participación ciudadana en el Estado cubano'. La Habana: *Temas*. N. 70: 69-79, abril-junio de 2012.
- \_\_\_\_\_ (org) (2007). En el borde de todo. *El hoy y el mañana de la revolución en Cuba*. Bogotá: Ocean Sur.
- HERNÁNDEZ, Rafael et al (2013). Debate: 'Valores em crise?'. La Habana: *Temas*. N. 75: 67-80, julio - septiembre de 2013.
- HERNÁNDEZ, Rafael et al (2013). Debate: 'Politización/ despolitización en la cultura contemporánea'. La Habana: *Temas*. N. 76: 72-82, octubre - diciembre de 2013.
- IV Congreso del Partido Comunista de Cuba (2011). Información sobre el resultado del Debate de los Lineamientos Mayo de 2011. Disponível em: <[http://www.cubadebate.cu/wp-content/uploads/2011/05/tabloide\\_debate\\_lineamientos.pdf](http://www.cubadebate.cu/wp-content/uploads/2011/05/tabloide_debate_lineamientos.pdf)>.
- KATZ, Claudio (2016). *La epopeya cubana*. Disponível em: <<http://katz.lahaine.org/?p=243>>. Acesso em 12/4/2016.
- LIMIA DÍAZ. Ernesto (2017). *Cuba: fim da história?* Colômbia: Ocean Sur.
- LÓPEZ R., Felipe; HERRERA CARLÉS, Humberto (2015). 'Inversión extranjera: clave para el futuro de Cuba'. Em: *Forbes México*, marzo 2015. Disponível em: <<http://www.forbes.com.mx/inversion-extranjera-clave-para-el-futuro-de-cuba/#gs.V6HkLeE>>. Acesso em 14/1/2017.
- LÓPEZ SEGRERA, Francisco (2010). *La revolución cubana. Propuestas, escenarios y alternativas*. España: El viejo topo.
- MALMIERCA, Rodrigo (2016). Entrevista: 'Necesitamos atraer el capital extranjero'. Em: Cuba Debate. Noviembre de 2016. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/noticias/2016/11/01/rodrigo-malmierca-en-fihav-2016-necesitamos-atraer-el-capital-extranjero/#.WHecUVMrLIU>>. Acesso em 12/1/2017.
- MARTIN ROMERO, José Luis (2015). "Las relaciones de trabajo: una asignatura pendiente en la política de la Actualización. *Temas*, n. 83: 66-74, julio-septiembre de 2015.
- MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando (2003). 'Un socialismo primitivo'. Em: Cuestiones de América. N. 13, Febrero - marzo de 2003. Disponível em: <<http://www.cuestiones.ws/revista/n13/feb03-fsm-cuba-fmh.htm>>. Acesso em 6/1/2017.
- \_\_\_\_\_ (2010). *A viva voz*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.
- MARTÍNEZ, Osvaldo (2001). 'Cuba en el contexto de la economía mundial'. Em: TABLADA, Carlos. *Cuba: transición... hacia donde?* Madrid: Editorial Popular.
- NOVA, Armando. Debate (2013). 'Actualizando el modelo: economía política y cultura'. La Habana: *Temas*. N. 73: 70-80, enero - marzo de 2013.

- ORGTEGA GONZÁLEZ, Diosnara et al (2008). Debate: 'Que es para ti la Revolución: los jóvenes opinan'. La Habana: *Temas*. N. 56:152-160, julio- septiembre de 2008.
- PCC (PARTIDO COMUNISTA DE CUBA) (2011). Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución (Resolución del IV Congreso del PCC), junio de 2011. Disponible em: <www.congresopcc.cip.cu>. Acesso em 6/1/2017.
- PÉREZ, Ernesto et al (2008). Debate: 'Que es para ti la Revolución: los jóvenes opinan'. La Habana: *Temas*. N. 56:152-160, julio- septiembre de 2008.
- RAFULS PINEDA, Daniel (2014). El sistema electoral cubano: de la representación formal a la participación real. La Habana: *Temas*. N. 78: 64-71, abril-junio de 2014.
- RICARDO LUIS, Roger (2014). 'Prensa e imagen Cuba ante el espejo de la realidad'. La Habana: *Temas*. N. 77: 49-55, enero - marzo de 2014.
- RODRÍGUEZ, José Luis (2011). 'Cuba, su economía y la Unión Soviética'. Havana: Revista *Temas*. N. 68> 114-121, outubro-dezembro de 2011.
- ROJAS, Fernando Luis et al (2008). Debate: 'Que es para ti la Revolución: los jóvenes opinan'. La Habana: *Temas*. N. 56:152-160, julio- septiembre de 2008.
- SALAZAR FERNÁNDEZ, Diana (cord) (2012). *La red Capital Humano*. La Habana: Editorial Academia.
- SEXTO, Luis et al. Debate (2013). 'Politización/ despolitización en la cultura contemporánea'. La Habana: *Temas*. N. 76: 72-82, octubre - diciembre de 2013.
- VASCONCELOS, Joana Salém (2016). *História agrária da revolução cubana*. São Paulo: Alameda.
- VITIER, Cintio (2008). *Ese sol del mundo moral*. La Habana: Unión (1970).
- Entrevistas citadas (5 a 14 de dezembro de 2016)**
- DACAL, Ariel. Educador Popular vinculado ao Centro Martin Luther King
- FERNÁNDEZ ESTRADA, Julio Antonio. Advogado, ex-professor da Faculdade de Direito de Havana.
- GARCÉS, Raul. Jornalista, vice-diretor da Revista Temas.
- HERNÁNDEZ PEDRAZA, Gladys. Economista vinculada ao Centro de Investigaciones de la Economía Mundial.
- HERNÁNDEZ, Rafael. Diretor da Revista Temas.
- LIMIA DÍAZ, Ernesto. Assessor do Ministério da Cultura.
- MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Pesquisador do Centro de Estudos Juan Marinello.
- MARTÍNEZ, Jenifer. Presidente da Federação de Estudantes Universitários (FEU).
- MORLOTE, Luis. Vice-presidente da União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC).
- PIÑEIRO HARNECKER, Camila. Especialista em cooperativismo.
- RODRÍGUEZ, Jose Luis. Ex-ministro da economia de Cuba (1995-2009).
- VALDÉS PAZ, Juan. Especialista em questão agrária, exerceu diversos postos no Estado.